



Os índios deram entrevista no campus universitário

Índios Assurini querem manter o chefe ameaçado de demissão

Pelo menos até a manhã de ontem, os índios Assurini do posto indígena Trocará, distante 24 quilômetros ao norte de Tucuruí, ainda não haviam conseguido manter contato com o Delegado Regional da Fundação Nacional do Índio, Paulo César Abreu, quando solicitariam a permanência do chefe do posto que está sendo ameaçado de demissão do cargo que ocupa em Trocará.

Ontem, um grupo formado por seis indígenas, juntamente com a antropóloga Lúcia Andrade, esteve na sala de imprensa da 35ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência quando explicaram a situação e enfatizaram o grande descontentamento caso as ameaças se concretizem e o chefe do posto, Gerson Góes, venha a ser demitido. A maior dificuldade encontrada até o momento pelos indígenas está em conseguir uma audiência com Paulo César Abreu.

Inicialmente, Lúcia Andrade fez um breve relato da situação mostrando à imprensa onde se localiza a reserva dos Assurini. Depois, apresentou Tabra Assurini como porta voz do grupo. Por sua vez, este indígena declarou que não sabe porque a Funai está interessada em tirar Gerson Góes do posto se ele tem sido um bom chefe, cuidando dos índios e mantendo um relacionamento fraterno com a pequena tribo, integrada por apenas 126 índios. "Não sabemos porque querem tirar nosso chefe de posto. Esta é a quarta vez que isto acontece. Sabemos que Gerson não deseja sair porque ele próprio disse a nós. Não posso entender essa ameaça da Funai, através do Ajudança de Marabá".

O grupo indígena chegou na sexta-feira e foi à Funai marcar a audiência com Paulo César Abreu. Por sua vez, o delegado Regional não

se encontrava mas a audiência foi marcada para ontem, pela manhã. Novamente Paulo César Abreu não pôde atendê-los. Entretanto, a comissão estava pensando em voltar pela parte da tarde para exigir a permanência de Gerson à frente do posto Trocará, à revelia do que está querendo a Ajudança de Marabá. Além disto, vão reclamar contra uma série de dificuldades que estão encontrando, principalmente no setor de transportes pois o barco que servia de locomoção fluvial aos indígenas está com motor quebrado e apesar de há muito tempo terem enviado para a Ajudança consertar, esta ainda não o fez.

O grupo falou ainda sobre a influência de Tucuruí para a aldeia que se estende por uma área de 21 hectares. Segundo Tabra Assurini, está ocorrendo um grande fluxo de veículos próximo à reserva por uma estrada construída recentemente, a Transcarnetá, que corta a reserva ao meio. Este contato poderia estar ocasionando uma grande epidemia de malária na tribo e as dificuldades ficam ainda maiores já que os indígenas não possuem remédios para combater o mal, apesar dos esforços do chefe do posto que sempre solicita remédio para a Funai e há bastante tempo não recebe resposta alguma.

Também declararam que a inexistência de uma placa indicando o território indígena está provocando alguns transtornos pois é grande a quantidade de caçadores que entram em suas terras gerando conflitos. Os Assurini vivem de agricultura de subsistência colocando à venda apenas a castanha-do-pará, que é abundante em Tucuruí e o açaí. Segundo Tabra Assurini, o grupo que está em Belém só voltará à reserva depois que mantiver contato com Paulo César Abreu.



o porta-voz do grupo pediu a permanência do atual chefe do posto